

(N)a busca da palavra ortográfica: flutuações na segmentação de palavra em textos dos anos iniciais do EF

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i1.3491>

Giovanna Alves dos Santos¹

Luciani Tenani²

Resumo

Este artigo trata de flutuações na segmentação de palavras, como “que ria” > “queria”, em textos de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os dados foram produzidos em contexto escolar, cujas atividades abordaram critérios de identificação de fronteiras de palavra. Investigamos, a partir de análises quanti e qualitativas, como flutuaram as hipóteses de representação de palavra que emergiram do imaginário infantil antes e depois das atividades sobre segmentação de palavra. Os resultados obtidos demonstram haver tendência de registros convencionais de fronteira de palavra após as atividades desenvolvidas acerca dos critérios de segmentação de palavras, bem como alta recorrência de grafias que envolvem a atuação de constituintes mais baixos da hierarquia prosódica. A partir de tais resultados, argumentamos que as flutuações, por um lado, possibilitam observar aspectos de enunciados falados e escritos mobilizados durante a aquisição da noção (instável) de palavra e, por outro, contribuem para a reflexão sobre possibilidades de ensino de ortografia.

Palavras-chave: flutuação; segmentação de palavra; ortografia; língua portuguesa; ensino fundamental.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; alvess.giovanna@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-5146-5981>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; luciani.tenani@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-8487-0825>

(On)the spelling word search: fluctuations in word segmentation in texts from the early years of Elementary School

Abstract

This paper deals with fluctuations of word segmentation, such as “que ria” > “queria”, in texts written by children in the early years of Elementary School. The data were produced in a school context, whose activities aim to study word borders identification criteria. We investigated, based on quantitative and qualitative analyses, how the hypotheses of word representation that emerged from the children’s imagination fluctuated before and after the activities on word segmentation. The results obtained demonstrate that there is a tendency for conventional word boundary registrations after the activities developed in the word segmentation criteria, as well as a high recurrence of spellings that involve the performance of lower constituents of the prosodic position. Based on these results, we argue that fluctuations, on the one hand, make it possible to observe aspects of spoken and written utterances mobilized during the acquisition of the (unstable) notion of word and, on the other hand, contribute to reflection on possibilities for teaching orthography.

Keywords: fluctuation; word segmentation; orthography; Portuguese language; elementary school.

*“O menino pergunta ao eco
onde é que ele se esconde
Mas o eco só responde:
onde, onde?”*

(O eco, Cecília Meireles)

Introdução

De modo semelhante ao menino que pergunta ao eco onde ele se esconde, assim o sujeito da linguagem, que transita por práticas orais e letradas, busca identificar onde estão os limites da palavra, recuperando aspectos da história, estrutura e constituição da própria língua(gem). Ocorre que a noção de palavra não é de fácil aquisição para o aprendiz da escrita, chamado a contemplar as convenções ortográficas. Podemos pensar que as fronteiras de palavras são, para criança, como o eco, que devolve a pergunta ao menino: onde estão os limites? É junto ou separado?

Esse tema sobre a segmentação de palavra será abordado neste artigo, o qual tem como proposta discutir como flutuam as segmentações de palavra produzidas em contexto escolar, por meio de atividades cujo objeto de estudo foram critérios de identificação e

registro de fronteira de palavra ortográfica³. Estabelecemos como objetivos: (i) analisar quantitativamente as ocorrências de flutuações identificadas em pares de textos produzidos por um mesmo grupo de alunos; e (ii) analisar qualitativamente as ocorrências das flutuações na segmentação de palavra. Por meio dessas análises, explicitamos como se dá o trânsito do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas (Corrêa, 2004), especialmente, de natureza prosódica e morfossintática.

A partir de nossas análises, argumentamos que as flutuações nos registros de fronteira de palavras permitem saber mais sobre a aquisição da noção de palavra e de ortografia. E, como já apontou Abaurre (1989), a interpretação das hipóteses de escrita elaboradas pelos escreventes é atividade fundamental para que, a partir delas, possamos trabalhar (n)o ensino da escrita convencional no Ensino Fundamental (EF).

Flutuações na segmentação de palavra: fundamentos teóricos

Identificar e definir uma palavra, quando pensamos na escrita, pode até parecer tarefa fácil, pois recursos gráficos, como o espaço em branco, por exemplo, servem de critério para identificação desta unidade da língua. Contudo, a partir de uma perspectiva que concebe fala como modo de enunciação constitutivo da escrita (Corrêa, 2004), fundamentamos a assunção segundo a qual a noção de palavra não é de fácil aquisição para o aprendiz da escrita, chamado a contemplar as convenções ortográficas, cercado pela ambiguidade da língua e a instabilidade da palavra que pode ser definida a partir de critérios diversos: morfológicos, sintáticos, lexicais, prosódicos.


Compreendemos que, durante a aquisição da escrita, a criança se encontra envolta pelas possibilidades de segmentação de palavra e acreditamos que as dúvidas para registrar a fronteira de palavra se devem, em parte, (i) ao entrelaçamento de práticas orais-letradas que constituem a escrita, isto é, à própria natureza heterogênea da escrita (Corrêa, 2004), e (ii) à descoberta da ambiguidade constitutiva da língua ou, nas palavras de Chacon (2017, p. 134), à “instabilidade da palavra”, que, a partir de diversos critérios – morfológicos, sintáticos, lexicais, prosódicos – pode ser definida de diferentes formas. Fundamentaremos nossas análises e argumentações a partir desses dois pontos. O esquecimento, a negação ou o desconhecimento de aspectos como a heterogeneidade da escrita e da complexidade da definição de palavra podem ser alguns dos fatores que, até hoje, fazem com que as segmentações não convencionais de palavras sejam interpretadas como produtos de desatenção ou dificuldades de aprendizagem.

3 Este artigo expande e complementa a proposta de Alves e Tenani (2020), que apresentou notas iniciais sobre o ensino de ortografia nos anos iniciais do EF, desenvolvido a partir do trabalho com poesia infantil. Esse trabalho foi concluído e os resultados são sistematizados em Santos (2021). Neste artigo, são apresentados recortes desses resultados.

Contestando esse olhar equivocado para dados de segmentação não convencionais de palavras – grafias cujos limites de palavras não correspondem aos estabelecidos por convenções ortográficas – resultados de estudos de Abaurre (1991), Chacon (2004, 2005, 2017) e Capristano (2007) sugerem que as crianças vivenciam conflitos advindos de práticas de oralidade e letramento, muitas vezes, ancoradas em representações de convenções ortográficas e constituintes prosódicos, como os propostos por Nespor e Vogel (1986). Na interpretação de Chacon (2004, 2005, 2017) e Capristano (2007) da escrita infantil, a qual nos filiamos, não existem enunciados falados ou escritos puramente, uma vez que a escrita se constitui no encontro entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas, em dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido (Corrêa, 2004). À luz de uma concepção heterogênea de escrita, pode-se observar que as segmentações não convencionais são produtos do trabalho do sujeito da linguagem transitando por práticas de oralidade, como aspectos rítmicos e entoacionais, e de letramento, como aspectos gráficos espalhados pela nossa sociedade letrada, práticas escolarizadas. Tendo em vista que a heterogeneidade está inscrita/imbricada na natureza da escrita, percebe-se que a relação entre enunciados falados e escritos é complexa e, por isso, as crianças apresentam dúvidas para distribuir seus enunciados escritos no branco.

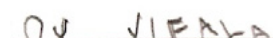
As flutuações na segmentação de palavra que analisaremos são os registros distintos de uma mesma estrutura vocabular identificados em textos diferentes de um mesmo sujeito, como no caso dos dados analisados, exemplificados na Figura 1. Os fragmentos extraídos de dois textos – escrita inicial e reescrita⁴ – nos permitem não só explicitar a complexidade de segmentar enunciados escritos, como também detectar como informações linguísticas que circulam por meio de práticas de oralidade e de letramento atravessam as hipóteses de segmentação de palavra.

Figura 1. Exemplo de flutuação



Fonte: ER18_3D_21M_1

Figura 2. Exemplo de flutuação



Fonte: ER18_3D_21M_2

No registro de “ou vifalar” (ouvi falar), as duas fronteiras de palavra foram distribuídas de modo não convencional: na primeira, as duas sílabas que compõem a palavra “ouvi” foram hipersegmentadas e; na segunda, a sílaba “vi”, de “ouvi” é hipossegmentada, unindo-se à palavra “falar”, representada na escrita infantil como “fala”. Esse tipo de grafia é

4 Apesar da referência às primeiras produções textuais como *escritas iniciais*, vale esclarecer que essa terminologia não anula a concepção de que os textos que compõem nosso material de análise são construções a partir de um processo no qual o sujeito convive com muitos outros textos com os quais ele dialoga em práticas orais/faladas e letradas/escritas e, quando lançamos mão do termo *reescrita*, fazemos referência ao “conjunto de modificações escriturais [...] visando um texto terminável” (Fiad, 2009, p. 148).

interpretado como efeito de conflitos entre as possíveis representações do vocábulo “ou” que, na língua, pode tanto ser sílaba que pertence à palavra “ouvi”, quanto funcionar como a conjunção “ou”, um monossílabo átono que é delimitado por branco. Por meio desse exemplo, explicitamos como se dá a interpretação dos dados como efeito da circulação da criança por informações letradas. Por outro lado, na mesma ocorrência de flutuação, há hipossegmentação de “vifala” (ou vi fala) que se mostra como efeito de um padrão de acento comum da língua portuguesa: um trissílabo paroxítono. Essa interpretação é exemplo do que interpretamos como efeito do trânsito da criança por informações orais, como a configuração métrica do português.

Ainda a partir desses dados, explicitamos a questão da relação nem sempre isomórfica entre palavra fonológica e palavra morfológica, o que, por sua vez, demonstra que, tanto na fala quanto na escrita, não é tarefa simples definir uma palavra. Essa tensão, por sua vez, envolve o que chamamos, inicialmente, de instabilidade da palavra. Bisol (2004), ao fazer referência ao trabalho de Mattoso Camara expõe a distinção entre palavra morfológica e palavra prosódica de uma perspectiva estruturalista. A palavra morfológica é definida a partir do seu funcionamento sintagmático e corresponde a verbos, substantivos, adjetivos, advérbios. Já as palavras funcionais são as palavras como conjunções, preposições, artigos e seu principal critério de definição é ser uma forma que sintaticamente depende de outra. Parte das palavras funcionais não tem acento e, portanto, é uma forma que é dependente também quanto ao critério fonológico. A ocorrência “ou vi falar” (ouvi falar) permite exemplificar essa relação não isomórfica entre palavra fonológica, que tem acento, e palavra morfológica, que pode ou não ter acento. Isso porque a mesma cadeia fônica [ouvifala], que constitui “ouvi falar”, enunciado com sentido de *escutei dizer*, poderia constituir “ou vi falar” (tipicamente produzido sem a vibrante final, o morfema de infinitivo verbal), enunciado com sentido de *quem sabe, talvez, vi alguém dizer*. Trata-se de uma cadeia fônica que pode, na língua, ser segmentada de mais de uma forma e mudar o sentido do enunciado, por isso, revela uma *ambiguidade da língua*. Nota-se que as sílabas tônicas (em caixa alta, à frente) também são as mesmas, se a segmentação for “ouVI faLA” ou se for “ou VI faLA”.

Tendo em vista que o acento é uma das características que definem a palavra fonológica, observamos que, mesmo que a pauta acentual desses enunciados seja parecida, não há necessariamente uma relação isomórfica entre palavras fonológicas e palavras morfológicas, que servem de critério para o registro do branco que delimita a palavra ortográfica. Interessa-nos destacar que também os possíveis sentidos do enunciado se mostram mobilizados quando explicitados aspectos linguísticos envolvidos na segmentação de palavra na escrita infantil. Como observados por Chacon (2017), a instabilidade da palavra é exemplarmente mostrada pelo modo como as crianças definem os limites de palavras em seus textos, uma vez que esses limites nem sempre correspondem aos de natureza morfológica e fonológica, pois estes, também, nem sempre coincidem entre si.

Tendo em vista que a heterogeneidade está inscrita/imbricada na natureza da escrita e essa heterogeneidade se faz observar por meio da relação complexa entre enunciados falados e escritos nos textos infantis, argumentamos que as flutuações na segmentação de palavra sejam interpretadas como dados privilegiados para investigar o processo de aquisição de palavra.

Flutuações e o contexto escolar: aspectos metodológicos

Participaram do estudo 143 crianças com idades entre oito e nove anos, à época, em 2018, quando cursavam o 3º ano do EF em escolas da rede pública de São José do Rio Preto, município localizado no noroeste paulista. A partir de apoio do Laboratório de Fonética (LabFon), do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Unesp de São José do Rio Preto, com a autorização da Secretaria Municipal de Educação de São José do Rio Preto, o projeto intitulado “Proposta didática para ensino de ortografia a partir de textos poéticos” foi desenvolvido com o objetivo de aprimorar práticas de escrita – especialmente no que tange à segmentação de palavras – e de leitura, a partir do trabalho com poemas infantis em turmas do terceiro ano do EF⁵.

O material de análise, composto de 286 textos, foi coletado ao longo de três semanas, durante o desenvolvimento de uma proposta didática-pedagógica sobre segmentação de palavra, sendo metade dos textos produzidos no início da proposta e a outra metade, ao final. Realizar a descrição do contexto de coleta de dados, ainda que de modo breve, faz-se necessário, uma vez que as flutuações analisadas emergiram de atividades didático-pedagógicas por meio das quais se buscou levar as crianças a refletirem sobre a segmentação de palavra⁶. Logo, as flutuações encontradas nos textos foram atravessadas por atividades elaboradas pela pesquisadora, primeira autora deste artigo, que, em sala de aula, conduziu as atividades acerca dos complexos e instáveis limites da palavra, visando o aprendizado de critérios ortográficos (não transparentes) para delimitar essa unidade na escrita.

A primeira coleta de dados aconteceu a partir da leitura de um poema, “O eco”, seguida de um convite para que as crianças narrassem, em folha pautada, um episódio de sua curiosidade. Entre uma coleta e outra, devolvemos uma sequência de atividades sobre segmentação de palavras que envolviam o jogo com a língua(gem) identificado nos textos poéticos infantis de autoria de Cecília Meireles. Todos os textos tinham a característica de haver segmentações alternativas de palavras, como “a ponta” > “aponta”. Para explorar a dimensão verbo-visual nos enunciados, constitutiva de efeitos de sentido, aspecto importante de ser apresentado e discutido em sala de aula de nossa perspectiva, além

5 O projeto foi cadastrado junto ao Conselho Nacional de Saúde (CAAE n. 98638718.8.0000.5466) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP (Parecer n. 2.970.875).

6 Uma descrição detalhada da proposta didático-pedagógica é feita por Santos (2021).

da leitura dos poemas e discussão, com as crianças, a respeito de suas interpretações e observações, desenvolvemos e apresentamos um vídeo animado e com áudio do poema recitado. Por meio do vídeo, as crianças puderam ler e ouvir, ao mesmo tempo, o poema "O eco", com animações que evidenciavam porções textuais para favorecer o trabalho de reflexão sobre o que foi lido/ouvido/falado. Na Figura 2, reportamos um exemplo disso por meio do verso lido como "onde **se esconde**" que, quando lido, comumente, apresenta uma constituição com reestruturação silábica: "**sisconde**". Durante a atividade de reflexão, as crianças foram questionadas a respeito dessa não correspondência transparente entre fala e escrita.

Na sequência, apresentamos os *slides*, como exposto na Figura 3, que continham poemas da autora na íntegra, versos destacados e figuras ilustrativas do tema dos poemas. Como em "A ponte aponta e se desaponta", questionou-se as possibilidades de segmentação de uma mesma cadeia fônica. Os *slides* foram apresentados em lousa digital, e, por meio da tecnologia *touch screen*, os alunos puderam ir até a lousa e apontar as possibilidades de segmentação de palavras, seus sentidos na língua e o que compreendiam das segmentações distintas. Também se discutiu, a partir dos versos, como uma sílaba proeminente numa cadeia fônica é critério para segmentar o enunciado, mas sim, o sentido daquilo que gostaríamos de comunicar ao nosso leitor. Abaixo, duas imagens ilustram o tipo de material verbo-visual que embasou a discussão de critérios segmentação entre a primeira e a segunda coleta de dados.

Figura 3. Ilustração que compõe vídeo



Fonte: Santos (2021, p. 68)

Figura 4. Slides com versos em destaque



Fonte: Santos (2021, p. 69)

A escolha dos poemas, bem como dos materiais desenvolvidos para o trabalho, deve-se ao fato de que os espaços em branco da escrita, distribuídos de modo a representar relações entre cadeias fônicas parecidas e até mesmo idênticas, permitem mostrar como o branco, isto é, a fronteira de palavra, mobiliza sentidos diferentes no enunciado escrito. E esse recurso verbo-visual da língua(gem) também constitui um traço da expressão artística dos enunciados poéticos. Ao término do trabalho de leitura, escuta e discussão a

partir dos poemas, a segunda coleta foi realizada. As crianças receberam suas primeiras produções e uma nova folha com pauta para que pudessem reescrever seus textos, com foco na segmentação de seus enunciados escritos.

Explicitado o contexto no qual emergiram as flutuações nos pares de textos dos 143 sujeitos deste estudo, passamos aos critérios de seleção dos materiais e dos dados. Para seleção do material de análise, adotamos os seguintes critérios: (i) haver duas produções textuais da mesma criança, isto é, a escrita inicial, produzida antes do trabalho didático-pedagógico sobre segmentação de palavra, a partir dos textos poéticos, e a reescrita, elaborada após as exposições e discussões e (ii) haver, na escrita inicial e/ou na reescrita, grafias cujas fronteiras de palavras não atendiam às convenções ortográficas.

Em algumas representações gráficas, por se tratar de manuscritos, encontramos dificuldade para a identificação dos espaços em branco entre palavras no texto escrito. Portanto, para verificarmos se os espaços estavam de fato distribuídos de modo não convencional, recorremos a critérios de ordem gráfica, a saber: (i) comparação da distribuição dos espaços em branco entre palavras que se repetem ao longo do texto e dos espaçamentos que antecediam e/ou sucediam alguma letra específica, observando regularidades e (ii) comparação da escrita inicial com a reescrita, observando as dimensões particulares que o sujeito atribuía ao branco em fronteira de palavra em um enunciado, considerando, inclusive, marcas de apagamento e traços que evidenciavam oscilações na distribuição da escrita na folha de papel. Foram identificados 145 dados de flutuações a partir desses critérios.

Os dados foram, primeiramente, classificados dentro de categorias advindas de uma análise combinatória cujos elementos foram: hipersegmentação, hipossegmentação, segmentação híbrida e segmentação convencional. Obtivemos um total de 15 combinações de possíveis flutuações, isto porque, consideramos, em nossas análises, os dados de segmentação de palavra que se mantiveram na reescrita. Essa escolha se justifica, uma vez que a informação de que as fronteiras de palavras registradas foram mantidas na segunda produção textual das crianças, permite-nos, também, interpretar num panorama geral, como comportam-se as flutuações na escrita infantil capturadas em contexto de estudo de critérios de identificação de fronteira ortográfica.

Na sequência, a partir do número de fronteiras não convencionais identificadas nas flutuações de segmentação de palavra, realizamos um cálculo para obter um índice de registros não convencionais de fronteira de palavra em cada produção textual da criança. O índice foi obtido a partir da *razão* entre o número de registros não convencionais de fronteira de palavra e o total de fronteiras de palavras que a criança registrou no texto todo. Acreditamos que esse índice de registros não convencionais de fronteiras de palavras forneça pistas acerca das flutuações de segmentação de palavra que somente a classificação dada pela literatura (híbrido/mescla, hipersegmentação e

hipossegmentação) não fornece. Um dado híbrido, como, por exemplo, “ou vifa la” (ouvi falar) poderia ter mais do que duas fronteiras não convencionais de palavras na escrita inicial e, na reescrita, continuar sendo um dado híbrido, mas com apenas duas fronteiras alocadas de modo não convencional, como, por exemplo, “ou vifala” (ouvi falar), caracterizando uma flutuação de segmentação de palavra.

Os índices de segmentação não convencional foram submetidos ao teste de hipóteses *Wilcoxon*. Adotamos uma hipótese de nulidade (H0) e uma hipótese alternativa (H1), respectivamente: não há diferença entre registros não convencionais de fronteira de palavra na escrita inicial (H0) e na reescrita há diferença entre registros não convencionais de fronteira de palavra na escrita inicial e na reescrita (H1). Após a comparação dos índices de grafias não convencionais de fronteiras de palavras da escrita inicial em relação à reescrita, utilizamos o teste ANOVA com *post-hoc Tukey* para compararmos as categorias relativas às possíveis flutuações de segmentação de palavra e verificarmos se houve diferença significativa entre os registros das fronteiras de palavra.⁷

Após a realização de análises quantitativas, passamos às análises qualitativas dos movimentos de fronteiras de palavra identificados nas produções. A fim de responder as questões formuladas, investigamos, nas flutuações, indícios do trânsito do escrevente entre práticas orais/faladas, especialmente de ordem prosódica e de práticas letradas escolarizadas. Para tanto, recorreremos à concepção do modo heterogêneo de constituição da escrita, proposto por Corrêa (2004) e ao arcabouço teórico da Fonologia Prosódica, mais especificamente, ao modelo *relation based*, proposto por Nespor e Vogel (1986), para fundamentar a análise prosódica dos dados. O modelo proposto pelas autoras, evidencia a interface entre Fonologia e outros componentes da gramática (Tenani, 2017). Nele, os constituintes prosódicos obedecem uma organização hierárquica, na qual a *sílaba* (σ), é a unidade basilar, seguida, sucessivamente, pelos constituintes denominados *pé métrico* (Σ), composto por duas ou mais sílabas que estabelecem entre si uma relação de dominância; *palavra fonológica* (ω), categoria que domina o pé métrico, com interação de componentes fonológicos e morfológicos; *grupo clítico* (C), constituinte acima da palavra, composto de um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo; *frase fonológica* (ϕ), constituinte que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), agrupa um ou mais C; *frase entoacional* (I), que se constitui por uma ou mais frases fonológicas que apresentem contorno entoacional; e por fim, no topo da hierarquia, *enunciado fonológico* (U), identificável por limites sintáticos e por pausas, e predominantemente corresponde a sentenças ou sequência de sentenças.

⁷ Recorremos ao *software Programa estatístico R* para realização nas análises. Em todos os testes, adotamos um nível de decisão de 5% ($\alpha = 0,05$) ou seja, uma confiança de 95%.

(N)a busca da palavra ortográfica: análises e discussões

Em razão de o estudo ter como objetivo investigar como flutuam segmentações de palavras na escrita de alunos que foram envolvidos em contexto de reflexão sobre critérios para investigação de fronteira de palavra ortográfica, iniciamos nossas análises apresentando, por meio da Tabela 1, uma visão geral de cunho quantitativo da direção da escrita das crianças, isto é, da característica inicial para a característica final da segmentação de palavras.

Tabela 1. Direção das flutuações na segmentação de palavras

Direção da escrita	N (%)	Tipos de flutuações	N (%)
Convencional	79 (55)	<i>Híbrido - convencional</i>	1 (0,68)
		*Híper - convencional	21 (14,48)
		*Hipo - convencional	57 (39,31)
Permanência	51 (35)	<i>Híbrido - híper</i>	1 (0,68)
		<i>Híbrido - hipo</i>	2 (1,37)
		<i>Híbrido - híbrido</i>	2 (1,37)
		*Híper - híper	12 (8,27)
		*Hipo - hipo	34 (23,44)
Não convencional	15 (10)	<i>Convencional - híbrido</i>	1 (1,37)
		<i>Convencional - hipo</i>	5 (3,44)
		*Convencional - híper	9 (6,20)

Fonte: Elaboração própria

Totalizam 145 os registros escritos que denominamos por movimentos de fronteiras de palavras dos textos caracterizados por um processo do qual temos dois momentos: um antes da reflexão sobre segmentação de palavras e outro após o desenvolvimento das atividades. Desse total, 79 (55%) são registros não convencionais na primeira produção e passam a ser convencionais na segunda produção. Um conjunto menor de dados compreende 51 movimentos de fronteira de palavras (35%) que são registros que, após as atividades, permaneceram grafadas de modo não convencional nas reescritas, podendo ou não o primeiro registro não convencional ser mantido no segundo registro. Por fim, um total de 15 movimentos (10%) de fronteiras de palavra consistem em registros convencionais dos limites gráficos de palavras que, na reescrita, passaram a ter as fronteiras alocadas fora da convenção. Esses dados quantitativos, de modo geral, demonstram maior tendência de registros de fronteira de palavra que flutuaram em direção à palavra ortográfica. Destacamos também que o teste de hipóteses confirmou haver diferença estatisticamente relevante entre os índices de registros não convencionais de fronteira de palavra na escrita inicial e na reescrita.

Buscando, ainda, investigar a relevância dos resultados obtidos, realizamos teste ANOVA para verificarmos se houve variância significativa entre os tipos de flutuações identificadas na segmentação de palavra nos textos dos alunos. Na Tabela 1, destacamos com asterisco, na terceira coluna, os tipos de flutuações apontados com variações relevantes. E, adiante, de acordo com os resultados do teste de variação, tratamos qualitativamente das estruturas linguísticas identificadas, de modo a investigar quais aspectos do entrelaçamento de enunciados falados e escritos, especialmente de ordem prosódica e morfossintática, foram mobilizações nas flutuações capturadas em contexto escolar, ao longo do desenvolvimento do trabalho sobre critérios para identificação dos limites de palavra ortográfica.

Em relação às flutuações nas segmentações de palavras que ocorreram em direção à segmentação não convencional, ocorreu, majoritariamente, flutuação relativa à omissão do registro de fronteiras de palavras previstas pela convenção, mas que, nas reescritas, foram registradas e alocadas conforme a convenção ortográfica. Exemplos dessa tendência é visualizado no Quadro 2.

Quadro 2. Estruturas e exemplos de hipossegmentação que passa a registro convencional

Estrutura	Exemplos	%
(σ) (ω) > (σ ω) C	Comuma, poriso, Nasférias, nopaceio, alapisera, ocomputador, asveze	45,60
(ω) (σ) > (ω σ) C	Sóque, fiqueina, estavano	35,10
(ω) (ω) > (ω ω) C	Éum, vemchuva, euacordei, vidamesmo	19,30

Onde: σ: sílaba; ω: palavra fonológica; C: grupo clítico; (): fronteira de palavra; >: passa a

Fonte: Elaboração própria

As análises prosódicas desses dados demonstram que a maioria das fronteiras foram mobilizadas em limites do constituinte basilar da hierarquia prosódica: a sílaba. Em 45,6% das flutuações de hipossegmentação para segmentação convencional, identificamos que a junção gráfica ocorre em limites de sílabas, sendo que uma delas corresponde a clíticos prosódicos. Os clíticos são destituídos de acento de palavra e, gramaticalmente, correspondem a artigos, preposições, conjunções. Percebemos, como em “comuma” (com uma) e “poriso” (por isso), a configuração do padrão de acento mais comum da língua portuguesa: palavras trissílabas e paroxítonas. Abaurre (1991) chama a atenção para hipóteses de segmentação como essas, pois parecem privilegiar a forma canônica das palavras na língua portuguesa. Bisol (2000, p. 28) argumenta favoravelmente sobre a hipótese da prosodização do clítico em nível pós-lexical, sendo o clítico, destituído de acento de palavra, incorporado à palavra lexical.

Para além dessa característica prosódica ser detectada nesses registros, também defendemos que esses dados dão pistas de que existe uma ancoragem em práticas orais/faladas e um entrelaçamento com práticas letradas/escritas, conforme uma concepção heterogênea da escrita (Corrêa, 2004), passa a descobrir as possibilidades de representações de algumas sílabas especiais: ora podem ter *status* de palavra funcional e ora podem ser parte da palavra lexical.

Como podemos conferir no Quadro 2, a incidência de registros não convencionais de fronteiras de palavras entre duas palavras prosódicas é baixa. Interpretamos que, nessas ocorrências, o emprego não convencional das fronteiras de palavra parece estar associado aos contornos entoacionais do enunciado (Capristano, 2007; Chacon, 2004, 2005). Dados como “éum” (é um) e “setá” (se está) podem ser interpretados como indícios de que, além da noção de palavra (dissílabo paroxítono), características entoacionais e rítmicas do enunciado se mostravam salientes para as crianças.

Em se tratando das flutuações de uma hipersegmentação para uma palavra ortográfica, observamos as seguintes estruturas:

Quadro 3. Estruturas e exemplos de hipersegmentação que passa a registro convencional

Estrutura	Exemplos	%
(ω) > (σ) (Σ)	Bas tante, a chava, que ria	42,85
(ω) > (σ) (σ)	A te, a sim, nu vem	23,80
(ω) > (Σ) (σ)	Enten di, pesso as, descan so	19,05
(ω) > (Σ) (Σ)	Repor tagem, inder nete	14,30

Fonte: Elaboração própria

Notamos, neste movimento, um alto número de registros não convencionais de fronteiras de palavras em limites de sílabas átonas de palavras prosódicas, semelhantes a clíticos. Mais uma vez, parece entrar em questão as representações fonológicas de palavra fonológica e de grupo clítico. Deve-se considerar que, quanto mais a criança entra em contato com a escrita, mais as possibilidades de representação da língua entram em conflito. Logo, é possível interpretar de flutuação como “a chava” > “achava”, como evidências de ancoragem por práticas sociais letradas/escritas, uma vez que o sujeito lida, ao mesmo tempo, com as possíveis representações da língua, como “a” artigo e “a”, sílaba pretônica da palavra “achava”. O mesmo pode ser elucidado também pela ocorrência de registros como “que ria” (queria), “a sim”, nos quais há uma hipersegmentação na incidência de fronteiras de sílabas semelhantes a clíticos prosódicos, mas que, morfológicamente, se trata de palavras gramaticais da língua, como é o caso, da conjunção “que” e do artigo “a”. Ao mesmo tempo, observamos que a fronteira não convencional é alocada em porções textuais que correspondem a possíveis palavras da língua, como “ria”, uma forma verbal do verbo “rir”, e “sim”, um advérbio de afirmação.

Identificamos, ainda, que um número significativo de hipersegmentações tratou-se de fronteiras de palavras alocadas, de modo não convencional, em limites de pés métricos. Nesses casos, parece que a percepção da proeminência dessa estrutura prosódica é a ancoragem para a segmentação. Interpretamos que registros como “bas tante” (bastante), “repor tagem” (reportagem), “pada ria” (padaria), sugerem a formação de pés métricos trocaicos, compostos da sequência de sílabas forte-fraca, padrão de acento do português, como citamos.

Para tratar das flutuações que ocorreram em direção à segmentação não convencional, isto é, na escrita inicial, o registro da palavra foi convencional e, na reescrita, identificamos uma segmentação não convencional de palavra, reportamos dados expostos no Quadro 4:

Quadro 4. Estruturas e exemplos de grafia convencional que passa à hipersegmentação

Estruturas	Exemplos	%
(ω) > (σ) (Σ)	A onde, a rea, de cendo	55,55
(ω) > (σ) (σ)	Au gum, ou vi	33,34
(ω) > (σ) (σ σ σ)	A parelho	11,11

Fonte: Elaboração própria

De modo geral, as fronteiras não convencionais foram alocadas nos limites de sílabas e nos limites de pés métricos. Em relação às hipersegmentações nos limites de sílabas da palavra, percebemos também que se trata de sílabas, na língua, semelhantes a clíticos prosódicos, como em “a parelho” (aparelho), “a onde” (aonde), “ou vi” (ouvi), “de cendo”. Essa é uma pista de que o sujeito se ancora em suas vivências, atravessadas por práticas letradas e que, essas, estão entrelaçadas a práticas sociais orais/escritas, pois, a porção hipersegmentada corresponde a possíveis palavras da língua. Também percebemos que há dados nos quais, enquanto uma porção hipersegmentada corresponde a monossílabos átonos da língua, a outra porção compõe um pé métrico troqueu. Dentre as flutuações que aconteceram em direção à escrita não convencional, as hipersegmentações apareceram, nas reescritas, majoritariamente.

Esse resultado de haver um número maior de hipersegmentações nas reescritas, em relação à escrita inicial, é tipicamente interpretado como hipercorreção. É possível que as crianças tenham passado a usar o branco, que representa fronteiras de palavras, buscando identificar as convenções ortográficas, mesmo onde não haja correspondência com palavras ortográficas. Essas flutuações, que partem da convenção e vão em direção à segmentação não convencional, podem ser interpretadas como resultado de análise equivocada da palavra, em um movimento negativo necessariamente. Contrários a essa interpretação, argumentamos que essas flutuações podem ser interpretadas como efeito de um trabalho epilinguístico (Abaurre, 1988) da criança em relação às fronteiras gráficas

de palavras, especialmente em contexto no qual o emprego do branco foi tão evidenciado e discutido.

Entre os dados de segmentação não convencional que permaneceram da escrita inicial para a reescrita, há de se destacar, ainda, um significativo número de ocorrências de hipossegmentações, seguidas de hipersegmentações que não flutuaram na reescrita. Fez-se necessário investigar esses dados, buscando descrever quais estruturas prosódicas e morfossintáticas foram mobilizadas nesses enunciados de modo a identificarmos diferenças e semelhanças em relação aos dados encontrados na primeira coleta que passaram a ser grafados convencionalmente na reescrita. Abaixo, expomos os tipos de estruturas mais recorrentes entre as segmentações não convencionais que continuaram nos textos dos anos iniciais do EF.

Quadro 5. Estruturas e exemplos de permanência de hipo e de hipersegmentação

Hipossegmentações			Hipersegmentações		
Estruturas	Exemplos	%	Estruturas	Exemplos	%
$(\sigma) (\omega) > (\sigma \omega)$	devolta, Sengraça poriso	67,65	$(\omega) > (\sigma) (\sigma \sigma)$	Cho via, com segui,	33,34
$(\omega) (\omega) > (\omega \omega)$	Ondevenhim	20,60	$(\omega) > (\sigma) (\sigma)$	a sim, des de	33,34
$(\sigma) (\sigma) > (\sigma \sigma)$	Doque, praque	5,85	$(\omega) > (\sigma) (\sigma \sigma \sigma)$	Em vapura, as titino	16,66
$(\sigma) (\omega) (\omega) > (\sigma \omega \omega)$	Seufo	2,95	$(\omega) > (\sigma \sigma) (\sigma \sigma)$	Papai sinho, quam sada	16,66
$(\omega) (\sigma) (\omega) > (\omega \sigma \omega)$	Eumefiz	2,95			

Fonte: Elaboração própria

Como podemos verificar por meio dos dados expostos no Quadro 5, a maior incidência de registros não convencionais de fronteira de palavra ocorre, mais uma vez, em limites do constituinte prosódico basilar da hierarquia prosódica e mobiliza as representações de grupo clítico e palavra prosódica. Nos enunciados escritos, identificamos que essas sílabas correspondem a clíticos prosódicos integrados a palavras de conteúdo, que têm acento. Essa tendência maior para dados de hipossegmentação envolvendo essas possíveis representações da língua também foram destacadas por Cunha e Miranda (2013), nos anos iniciais do EF em textos de crianças gaúchas, e por Fiel (2018), nos anos finais do EF em textos de adolescentes paulistas. Nota-se haver processo semelhante nos dados de hipersegmentação que reapareceram nas reescritas, ainda que, neste caso, haja o emprego e não a omissão de uma fronteira, mas ocorre que, em registros como “com segui” (consegui), “a sim”(assim), “des de” (desde), também existe uma tensão nas representações de grupo clítico e palavra fonológica que se mostram nesses registros não convencionais.

Já dados como “em vapura” (evapura), “as titino” (assistindo), não só colocam em questão as possíveis representações que a criança faz da escrita, a partir de sua vivência escolar, hipersegmentando porções textuais que correspondem a palavras gramaticais – no caso de “em vapura”, nota-se até o acréscimo da letra “M”, resultando no registro de uma preposição – , mas as fronteiras não convencionais também são alocadas no limite de um pé métrico, envolvendo aspectos rítmicos da língua. Já em ocorrências como “sengraça” (sem graça), temos que há troca de “m” por “n” de “sem” de modo a atender a regra de emprego da consoante nasal quando “sem” é juntado à “graça”.

Esse tipo de dado sustenta a interpretação de que a criança, aprendiz da escrita, lida com as práticas orais/faladas, mas também com as convenções ortográficas, da ordem das práticas letradas/escritas. De modo geral, as segmentações não convencionais que permaneceram nas reescritas envolvem: (i) representações de porções textuais que correspondem a sílabas que, a partir de aspectos prosódicos, são clítics, destituídos de acento fonológico e que, morfológicamente, constituem-se como artigos, preposições, conjunções; (ii) tensões entre representações de palavra fonológica e grupo clítico, testemunhadas por registros como “que ria” > “queria” que coincidem com possibilidades de escrita da língua, mais uma vez, sugerindo o trânsito do escrevendo por práticas orais/faladas e letradas/escritas; (iii) representações rítmicas do padrão de acento da língua portuguesa, com dados que sugerem uma ancoragem em práticas orais/faladas para segmentação de palavra e (iv) aplicação de processos de reestruturação silábica.

Considerações finais

Neste artigo, descrevemos os resultados da investigação do funcionamento de flutuações na segmentação de palavras em textos de alunos dos anos iniciais do EF em contexto de estudos de critérios de identificação de fronteira de palavra a partir de textos poéticos com a característica de haver segmentações alternativas de palavras. Dos resultados quantitativos, destacamos haver maior tendência de registros convencionais de fronteira de palavra nas reescritas, em relação às escritas iniciais, sendo essa diferença estatisticamente relevante. Dentre os tipos de flutuações mais recorrentes, observamos que os domínios prosódicos mobilizados nas flutuações foram sílaba, pé e grupo clítico.

Acreditamos que, além dos aspectos de práticas orais/faladas, como a composição de registros gráficos semelhantes ao padrão acentual da língua portuguesa, as práticas letradas/escritas estão entrelaçadas nessas flutuações, observadas, por exemplo, nas representações de grupo clítico e palavra fonológica, cujos números destacaram-se entre as flutuações dos registros de fronteira de palavra. Como pontuaram Cunha e Miranda (2013), a criança passa a descobrir as possibilidades de representações de algumas sílabas a partir de suas vivências de práticas escolarizadas, por exemplo, a sistematização das grafias de palavras funcionais.

Ainda, a partir das flutuações observadas, interpretamos que a não coincidência de fronteiras de palavra fonológica e da palavra morfológica é um ponto de tensão no processo de aquisição da escrita no EF. Essa não coincidência é uma característica da heterogeneidade da escrita que deve ser concepção assumida em ambiente escolar. Neste sentido, argumentamos favoravelmente à adoção de uma concepção heterogênea de escrita nas escolas, bem como a presença de atividades que contemplem as próprias hipóteses de representação de palavra que emergem do imaginário infantil sobre a escrita e que considerem a complexidade linguística envolvida na tarefa de segmentar palavras, como a que propomos em contexto escolar do qual emergiram os dados analisados neste estudo.

Referências

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín*, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

ABAURRE, M. B. M. Hipóteses iniciais de escrita: evidências da percepção por pré-escolares, de unidades rítmico/entoacionais na fala. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOL*, 1989, p. 1-15.

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.). *A concepção da escrita pela criança*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1988. v. 1, p. 135-142.

ALVES, G. J.; TENANI, L. E. Segmentação de palavras e poesia infantil: notas sobre ensino de ortografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 49, n. 3, p. 1743-1760, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v49i3.2728>. Acesso em: 13 mar. 2024.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL: bases de dados. 2017. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BISOL, L. Mattoso Camara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* [online], v. 20, p. 59-70, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502004000300006>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BISOL, L. O clítico e o seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163- 184, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13700>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CAPRISTANO, C. C. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39 n. 3, p. 245-260, 2004.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 223-232, 2004.

CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 77-86, 2005.

CHACON, L. *Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações*. 2017. 185 f. Tese (livre-docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/154619>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, A. P. N.; MIRANDA, A. R. M. Índícios de reestruturação do conhecimento fonológico da criança em dados de reparo na escrita inicial. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 343-354, 2013.

FIAD, R. S. Reescrita de textos: uma prática social e escolar. *Organon*, Porto Alegre, n. 46, p. 147-159, 2009.

FIEL, R. P. *Estudo longitudinal de hipossegmentações em textos do ensino fundamental II*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153831>. Acesso em: 13 mar. 2024.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SANTOS, G. J. A. *Flutuações na segmentação de palavra nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. 2021. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/214714>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Índice de desenvolvimento da educação de São Paulo*, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/idesp>. Acesso em: 13 mar. 2024.

TENANI, L. E. Fonologia Prosódica. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (org.). *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 109-123.